

## A OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO BÁSICO: RESULTADO DE UM ESTUDO DE CASO COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA

Prof<sup>ª</sup> M.Sc. Patrícia Aparecida Beraldo Romano (UFPA) <sup>i</sup>

### Resumo:

*Parece fundamental, depois de tantos estudos que têm sido realizados sobre Monteiro Lobato, a partir da década de 90 do século XX, que suas obras estejam presentes na formação dos discentes. Para isso, é necessário que o professor também seja um leitor de Lobato, já que cabe a ele, profissional da educação, levar o texto para a sala de aula e discuti-lo com os alunos. Busca-se, nesse trabalho, apresentar os resultados, até o presente momento, de projeto financiado pelo PROINT, oferecido a uma escola pública do município de Marabá-PA. Na execução do projeto tem-se buscado apresentar (ou reapresentar) algumas obras infantis de Monteiro Lobato para o professor e oferecer-lhe sugestões de leitura e discussão dessas obras de forma a contribuir para que o profissional de língua materna ajude o aluno a encontrar prazer por ler esses textos. Para isso, a necessidade de se formar educadores-mediadores de leitura dos textos infantis lobatianos.*

**Palavras-chave:** professor-mediador de leitura, Monteiro Lobato, obras infantis, leitura de literatura.

### Introdução

Em novembro de 2008, Marabá, cidade a sudeste do Pará, recebeu a Caravana de Leitura Monteiro Lobato. Tratou-se de uma iniciativa da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o intuito de difundir a obra infantil lobatiana junto aos educadores da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, valorizando aspectos literário, informativo e crítico, ressaltando o pioneirismo do autor quanto à formação de crianças e jovens leitores e contribuindo para que o evento se desdobrasse em núcleos de estudo sobre a importância de Lobato para a educação brasileira. Após a passagem da Caravana formamos um núcleo de estudos em Monteiro Lobato e passamos a estudar a obra do autor bem como difundi-la em eventos locais e com projetos de pesquisa que envolveram professores da educação básica, alunos do curso de Letras da Universidade Federal do Pará e professores da universidade.

O primeiro desses projetos desenvolveu-se sem financiamento durante todo o ano de 2010 e foi aplicado em várias escolas públicas de Marabá a fim de sabermos qual era a formação leitora dos professores do 5º ao 7º anos em relação às obras infantis de Monteiro Lobato. Tinham sido leitores quando crianças? Conheceram as obras apenas na universidade? Levavam as obras para a sala de aula e desenvolviam com elas algum tipo de atividade de leitura com os alunos? Essas foram algumas das nossas investigações<sup>1</sup> ao longo da aplicação do projeto. Ao final de 2010, nasceu um novo projeto a partir dos encontros do Grupo de Estudos em Monteiro Lobato e dos resultados do projeto acima referendado, agora com financiamento do PROINT (Programa integrado de apoio ao

---

<sup>1</sup> Os resultados desse projeto foram publicados em forma de artigo nos anais do **III Encontro nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional IX Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional: O Insólito e a Literatura Infanto-Juvenil**, realizado pelo SePEL.UERJ, Instituto de Letras, de 18 a 20 de abril de 2011.

ensino, pesquisa e extensão) e integrado a um projeto maior intitulado “Diálogos entre língua e literatura: integrando saberes nas práticas da educação básica” que une as áreas de ensino de língua portuguesa, inglesa e literatura. O nosso subprojeto intitula-se<sup>2</sup> “Literatura infantojuvenil e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na formação do professor-mediador na Educação Básica” e pretende conhecer o trabalho de leitura feito pelos professores (não apenas de Língua Portuguesa, mas de todos que se interessassem pelo projeto) de determinada escola pública escolhida para acolher o projeto e sugerir alternativas de atividades de leitura com o texto infantil de Lobato através de oficina de leitura das obras desse escritor.

Esse nosso trabalho apresentará os resultados, ainda parciais, desse projeto no momento em que as obras infantis de Lobato vêm à tona, com maior força, em virtude da polêmica estabelecida pelo Parecer do Conselho Nacional de Educação ao conferir caráter preconceituoso ao texto *Caçadas de Pedrinho*. Tal discussão, para nós, surgiu no momento da realização da primeira oficina e contribuiu apenas para reforçar a dificuldade que os professores apreendem para ler e discutir os textos de Lobato. Na maioria das vezes o problema decorre da pouca (ou quase nenhuma) leitura desses textos por parte dos professores do ensino básico, seja na infância, seja na universidade, e, por isso, o sentimento de insegurança que lhes acomete no momento de levar tais leituras para a sala de aula e discuti-las com seus alunos. Pretendemos ainda apresentar nossas expectativas para a última etapa do projeto e como tem sido a recepção do projeto por parte do público docente da escola básica.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES MEDIADORES DE LEITURA DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO**

Nos últimos anos, a partir da publicação do PNLL (2006), temos falado com muito mais recorrência na formação de professores mediadores de leitura. Discussões sobre a formação do professor de Língua Portuguesa não são recentes, aliás, são polêmicas há tempo. O que nos parece recente é a constatação de que os professores, cada vez menos, são leitores no sentido que nos aponta o discurso de Benedito Nunes, em artigo publicado sobre a relação entre leitura e ética. Para o estudioso,

“Que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral de tudo o que chamamos de *si mesmo*, se isso tudo não tivesse passado à linguagem, articulado pela literatura?”, pergunta Paul Ricoeur. Nessa indagação delineia-se o alcance ético das obras literárias: o saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários, como amor e ódio, quanto da estima, do respeito de si próprio, do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade, da compaixão e do sofrimento. É um saber que passa à linguagem na forma ficcional dos textos literários. (NUNES, 1999, pp.196-197, grifos do autor).

Acreditamos que falta a nossos professores da educação básica a percepção da importância da leitura de textos literários por parte dos alunos. Embora o Ministério da Educação, em parceria com editoras, distribua uma quantidade enorme de textos literários para as escolas básicas, nem sempre esses textos chegam aos alunos. Muitas vezes ficam depositados em salas denominadas bibliotecas, mas que servem apenas para empilhar esses livros; outras vezes “falecem” nas mãos de professores que pouco ou quase nenhum tato têm com a leitura de textos literários. Não são leitores em potencial e, por isso, não são exemplos de motivação para seus alunos. Esses professores, guardando as devidas exceções, não veem na literatura a possibilidade de oferecer às crianças e aos jovens estudantes o alcance ético de que fala Benedito Nunes no texto acima citado, não são

---

<sup>2</sup> Os cinco subprojetos que compõem o projeto do PROINT 2010-2011 ainda estão em desenvolvimento com prazo para término em dezembro de 2011.

capazes de despertar nos alunos o quanto a literatura fala da existência humana de cada um.

Em 2009, Ezequiel Theodoro da Silva publicou artigo sobre a formação de professores mediadores de leitura na coletânea de textos intitulada *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*, organizada por Fabiano Santos, José Castilho Marques Neto e Tânia ROSLING. No artigo, o estudioso argumenta sobre a atual formação de professores:

No Brasil, a formação aligeirada -ou de meia tigela- dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as políticas educacionais caolhas fazem com que os sujeitos do ensino exerçam a profissão sem serem leitores. Ou, então, sejam tão somente leitores pela metade, pseudoleitores, leitores das horas vagas, leitores mancos, leitores de cabresto e outras coisas assim. Os resultados desse quadro lamentável e vergonhoso todos sabem: dependência dos livros didáticos e outras receitas prontas, desatualização, redundância dos programas de ensino, homogeneização das condutas didáticas, repertório restrito, ausência de habilidades e competências de leitura, estagnação intelectual, etc. (SILVA, 2009, p. 23).

Em virtude de situações como essa, retratada pelo estudioso, em artigo que provém de pesquisa realizada a partir de curso de especialização para professores da rede pública do estado de São Paulo, percebemos que, raramente, textos literários integrais são levados para a sala de aula e discutidos com os alunos. A grande maioria dos professores brasileiros se detém em excertos de textos literários que aparecem nos livros didáticos e é essa a literatura que chega até os alunos: fragmentos de textos literários presentes nos livros didáticos e, muitas vezes, explorados apenas como atalho para o estudo da gramática.

Com os textos de Monteiro Lobato percebemos que a estratégia é praticamente a mesma. Quando eles aparecem na sala de aula, aparecem em forma de excertos ou retirados, geralmente, da obra *Fábulas*, que reúne textos curtos e, portanto, possíveis de aparecerem na íntegra nos livros didáticos. E é com essas fábulas ou com excertos de outras obras, como os de *Emília no país da gramática* (evidente o interesse dos livros didáticos por essa obra), ou ainda *Reinações de Narizinho* (geralmente o texto sobre a fábula da Cigarra e da Formiga também presente nessa obra) que o professor apresenta Lobato aos alunos. Infelizmente os professores, com raras exceções, não são nem foram leitores das obras infantis de Lobato e, quando conseguem levar algum texto para discussão, o fazem subsidiados por questionários com respostas prontas que pretendem apenas verificar a leitura de tal ou qual excerto presente no livro didático.

Toda a riqueza de discussão que poderia advir das obras infantis lobatianas somente se realiza se o professor se mostrar dedicado a ser leitor, ele mesmo, num primeiro momento, do texto de Lobato e, em seguida, elaborar um projeto de apresentação e discussão desse texto a seus alunos. É nesse ponto que acreditamos que o professor “peca”, já que se esconde por trás da velha desculpa da “falta de tempo” para a leitura e do assumido, **hoje**, discurso de que ele “não se considera **mesmo** um leitor”, em virtude, portanto, dessa falta de tempo. Para grande parte dos professores do ensino básico, os textos de Lobato são difíceis e sofisticados demais tanto para ele, professor, quanto para os alunos. Com isso, incorrem em discurso cíclico: não há tempo para ler, por isso não é leitor competente, ainda mais se a obra for muito sofisticada ou solicitar muitas horas para preparar toda uma leitura contextualizada, pois isso demandaria mais tempo ainda, já indisponível. A esse respeito, citamos passagem de artigo de Luiz Percival Leme Britto:

As dificuldades no trato com textos sofisticados não resultam, portanto, de uma incapacidade genérica de leitura ou do domínio precário dos procedimentos formais de decodificação, mas do modo como as pessoas interagem com os objetos da cultura letrada, em particular com as formas de produção do conhecimento formal.

Algumas destas condições estão, mesmo que precariamente, no universo das ações

de promoção da leitura (melhoria do acesso pela instituição de bibliotecas bem constituídas e distribuição de livros, no que tange às condições objetivas; estímulo ao interesse pela leitura, quanto à disposição subjetiva). Outras são mais complexas e de solução difícil (disponibilidade de tempo, condições de vida, formação). (BRITTO, 2009, pp. 194-195).

Percebemos, assim, que os professores não escondem mais a precária formação, entretanto, demonstram muito pouca vontade de mudar tal situação, o que mais nos preocupa.

Ainda queremos lembrar que esses profissionais, para serem promotores de leitura, ou seja, professores mediadores de leitura de literatura e, no nosso caso, da literatura infantil de Lobato, devem conhecer **o texto literário propriamente dito e na sua íntegra**. Descartamos aqui apenas excertos e também não queremos que os professores tomem como texto lobatiano a série televisiva do Sítio do Picapau Amarelo, já que isso tem sido muito comum em nossas pesquisas: boa parcela dos profissionais entende que ser leitor dos textos lobatianos é o mesmo que ter sido telespectador da adaptação que se fez para a TV dos textos de Lobato. O professor que apenas assistiu a ou às séries não conhece a saga escrita do sítio. Não desconsideramos aqui o quanto a TV contribuiu para a divulgação da obra de Lobato, como mais um meio de difusão da importância dos textos do escritor, todavia, o professor tem, por obrigação, apresentar ao aluno o texto literário e não induzi-lo a conhecer apenas a adaptação televisiva dele.

Assim, acreditamos que projetos elaborados a partir das obras infantis de Lobato tendem a contribuir para formar leitores em potencial, tendo em vista as temáticas que Monteiro Lobato abordou no conjunto de sua obra infantil. Para esse desafio, temos de fazer escolhas significativas e todos os estudos até hoje desenvolvidos sobre as obras infantis de Lobato têm demonstrado que seus textos fazem diferença na formação do pequeno leitor. Compete ao professor mediador da obra de Lobato crianças e jovens a “compartilhar saberes, renovando velhas significações, instigando o pensamento na busca de outros significados, contrapondo diferentes visões e entendimentos” (PRAZER EM LER: 2009, p. 96) presentes, também, na saga infantil do Sítio do Picapau Amarelo.

## **APLICAÇÃO E RESULTADOS, ATÉ O PRESENTE MOMENTO, DO PROJETO “LITERATURA INFANTOJUVENIL E A RECEPÇÃO DA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR-MEDIADOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA”**

O desenvolvimento de nosso projeto teve início em outubro de 2010, quando buscamos por uma escola de educação básica interessada em fazer parceria com a UFPA, campus de Marabá, na aplicação dos cinco projetos que compõem o PROINT 2010-2011. Escolhemos escola que se mostrou interessada por receber todos os projetos e cujo quadro de professores se fez disponível para a aplicação e desenvolvimento desses projetos. O nosso projeto de Literatura Infantil, embora fosse voltado para professores do Ensino Fundamental II, foi colocado como receptor de todos os professores interessados por tecerem discussões sobre as obras infantis de Lobato. Nosso intuito era o de mostrar a possibilidade de elaborar projetos inter e transdisciplinares a partir desses textos; assim, a presença de professores de outras áreas, além da de Língua Portuguesa, seria muito bem vinda. Em princípio, vários profissionais se mostraram disponíveis e interessados. Entretanto, quando, de fato, tiveram de assumir a participação em oficinas e permitir a presença de bolsista em sala de aula, quase todos desistiram de participar. Ficamos apenas com a presença de uma professora de Língua Portuguesa para turmas de 5<sup>as</sup> e de 8<sup>as</sup> séries (6º e 9º anos). Assim sendo, nosso trabalho acabou por se verter em um estudo de caso, já que nenhum outro professor se fez disponível. Confessamos aqui uma certa tristeza pela ausência de mais profissionais envolvidos, já que, nas reuniões iniciais que tivemos com os professores houve, por várias vezes, o discurso, por parte deles, de que necessitavam de cursos, mas nem sempre dispunham de tempo e de dinheiro

para frequentá-los. Como a participação no projeto não implica custo algum para o profissional e ele ainda é dispensado pela direção para participar das oficinas, muitos acharam uma forma interessante de voltarem a tomar contato com o meio acadêmico. Eis por que ficamos relativamente decepcionados, na sequência, com a pouca presença dos profissionais.

A partir da definição do profissional que acompanháramos, a bolsista do projeto passou a frequentar as aulas da professora e a discutir com ela questões sobre leitura e, especialmente, leitura de literatura. A professora, coincidentemente, tinha planejado atividade com fábulas da obra *Fábulas*, de Monteiro Lobato. À frente, entendemos que a atividade planejada fazia parte de aula do livro didático com o qual a professora trabalha em uma de suas turmas. Dessa forma, a atividade não representava uma opção particular da profissional pelo texto infantil lobatiano, mas apenas a execução de programação já estipulada pelo livro didático.

Segundo a bolsista que acompanhou a atividade, a professora leu as duas primeiras fábulas da obra *Fábulas*, “A Formiga Boa” e “A Formiga Má”, e deu sequência às atividades já programadas: exercícios de gramática sobre o texto infantil de Lobato e algumas perguntas sobre o enredo. Não houve nenhuma outra exploração do texto literário que não fosse o de atividades de interpretação e de gramática existentes no livro didático. O que podemos perceber é uma pouca intimidade com o texto literário por parte da profissional o que acaba acarretando uma aula expositiva apenas das atividades do livro didático; não há nenhum enriquecimento advindo de debates promovidos a partir do texto literário envolvendo professor-texto-alunos. Assim sendo percebemos que a professora, talvez inconscientemente, afaste o aluno do prazer que a obra *Fábulas* poderia proporcionar a ele. Pensamos em atividades como discussão sobre o gênero literário “fábulas”; a tradição desse gênero ao longo da história literária; um estudo dos vários fabulistas que a história da literatura produziu; um questionamento da moral unívoca das histórias tradicionais versus a pluralidade das moralidades apresentada nas fábulas lobatianas (Lobato queria crianças críticas e acreditava no potencial delas), realizado inclusive pelas personagens infantis Narizinho, Pedrinho e Emília. Vale aqui lembrarmos as palavras de Debus:

No seu discurso [de Lobato], quer seja o ficcional, quer seja o teórico, se assim podemos denominar os seus artigos e cartas, observa-se preocupação constante com o papel do leitor, da leitura e do livro. É uma preocupação que vai ganhando força e se consolida na sua literatura infantil, resultando no que consideramos um projeto de leitura desenvolvido pelo escritor. Por esse viés, a sua literatura infantil não é considerada um mero “acidente” ou “imprevisto” na sua caminhada literária, mas, sim, resultado de uma longa reflexão. (DEBUS, 2004, pp. 16-17).

Ainda acrescentamos a possibilidade que a leitura de *Fábulas*, de Lobato traz para um diálogo com textos contemporâneos de mesmo gênero, como as fábulas produzidas por Millôr Fernandes. O discurso sobre o humor, a ironia e a postura crítica, presentes, com ênfase, nesse último autor e que estão presentes, também em Lobato, certamente enriqueceriam as aulas de leitura de literatura e contribuiriam para a formação de jovens leitores críticos.

Todas essas sugestões foram oferecidas na primeira oficina de Literatura Infantojuvenil: *Fábulas*, de Monteiro Lobato, realizada como parte do projeto em questão. Antes de realizarmos as oficinas (foram, por enquanto, duas, uma sobre *Fábulas* e outra sobre *Emília no País da Gramática*, ambas as obras foram sugestões dadas pela professora da escola básica), pedimos à profissional que respondesse a um questionário sobre quais seriam as expectativas dela para as oficinas, inclusive, com sugestões sobre o que gostaria e sobre o que não gostaria que fosse apresentado nesses encontros.

No questionário, pretendíamos saber, por exemplo: a. A professora considera-se uma leitora em potencial? b. Quais critérios (leituras “leves”, textos clássicos, literatura de massa, enredos com bastante ação, histórias com princípios morais, histórias de tradição oral etc) a professora leva em

conta no momento de fazer escolhas de leituras literárias para os alunos? c. Costuma montar projetos interdisciplinares que envolvam leitura de literatura? d. O que conhece da obra infantil de Monteiro Lobato? e. Foi leitora dessas obras na infância? Se sim, quais? f. Já fez algum tipo de atividade com alguma obra infantil de Lobato? g. O que a professora espera das oficinas de formação em Lobato? Enfim, nosso intuito com essas questões era o de verificar a formação leitora da profissional, em especial no que tange à obra infantil lobatiana. Pretendemos saber qual é a proximidade com os textos-alvo do nosso projeto e se a professora pode ou não ser considerada uma mediadora de leitura de literatura e de literatura infantil de Lobato.

Quanto às respostas que obtivemos, paralelamente às questões acima explicitadas, lembramos aqui as seguintes colocações da profissional: “a. Apesar de gostar muito de ler, não me considero uma professora leitora em potencial, pois não tenho tempo para ler. Sempre leio alguma coisa antes de dormir, uma ou duas páginas etc; b. sempre me baseio em dois critérios: textos pequenos, ou seja, narrativas curtas e o que eu quero explorar no momento, se a moral de um texto, a reflexão sobre uma temática etc; c. não costumo [montar projetos interdisciplinares de literatura]; d. algumas personagens como a questionadora, talvez, subversiva, Emília; e. não, não fui leitora [de Lobato] e minha infância foi há muito tempo, acho que Monteiro Lobato não era divulgado como é hoje; f. já, um trabalho com fábulas, as versões formiga boa e má; g. espero que o projeto venha contribuir para minha formação profissional, que possam [os professores da universidade] nos apresentar novas metodologias, novas maneiras de trabalharmos a literatura em sala de aula. Que tragam algo novo para renovar em nós a ‘esperança’ de que podemos construir uma sociedade mais justa”<sup>3</sup>.

O que pudemos perceber com as respostas da professora foi a necessidade de apresentarmos oficinas que discutissem **como** levar o texto lobatiano para a sala de aula e de que forma a profissional pode abordar o texto com os alunos. Ao longo de nossos encontros com a professora, também percebemos presente em sua fala a ausência de segurança ao se preparar aula com texto literário, já que o próprio texto parece, muitas vezes, para o próprio professor, incompreensível. Essas respostas nortearam nosso trabalho no caminho, em princípio, de deixar muito clara a necessidade de o professor ser leitor, portanto, conhecer de antemão o texto literário sobre o qual pretende empreender discussão. Oferecemos à professora a obra *Fábulas* e sobre ela fizemos as explanações acima mencionadas. Nosso propósito com isso foi o de esclarecer à profissional que advogamos a necessidade prévia da leitura do texto literário porque é dele que devem nascer as discussões a serem levadas para as aulas.

Durante as oficinas, tivemos a intensa participação dos alunos da graduação, já que foram abertas aos professores do projeto e aos alunos da universidade de forma geral. O grande interesse também estava na discussão motivada pela mídia a respeito da obra *Caçadas de Pedrinho*. Ao término de nossa discussão sobre *Fábulas*, muitos alunos se questionavam sobre a obra acusada de preconceituosa pelo senhor Antônio Gomes da Costa Neto. O que podemos perceber, mais uma vez, é uma ausência da leitura completa de *Caçadas* ou ainda total desconhecimento da saga infantil. Dessa forma torna-se bastante fácil aceitar o Parecer do Conselho Nacional de Educação, já que os professores, ao se assumirem não leitores, aceitam sem contestar a opinião de profissionais que eles consideram leitores competentes. Se nossos professores não forem capazes de pensar criticamente sobre o que lhes é apresentado pela mídia, como serão capazes de formar leitores competentes para isso?

As discussões últimas da primeira oficina nos mostraram a enorme necessidade de termos professores mediadores de leitura da obra lobatiana e, para isso, uma formação específica que leve os textos infantis de Lobato para as aulas dos cursos de Letras se faz imperiosa. Como acreditamos que compete ao professor fazer o aluno “provar” a literatura, vemos como essencial que ele faça o

---

<sup>3</sup> As respostas foram copiadas do questionário respondido pela professora.

papel de mediador. Lembramos aqui, fala do professor Benedito Antunes:

Inicialmente, é preciso considerar um pressuposto do trabalho. Ensinar a ler literatura— e, da perspectiva do professor de literatura, a escola deve fazer isso— passa pela educação do gosto. O espontâneo, socialmente falando, não precisa ser cultivado na escola. Acreditar que se transmite o gosto pela literatura deixando os alunos lerem livremente é conveniente para quem já é leitor e não tem obrigação de formar outros leitores. Para o professor de literatura, essa concepção é insuficiente, pois ele aposta que na escola seja possível aperfeiçoar o ser humano, formá-lo para a vida. Parafraseando um raciocínio de Antonio Candido, se a literatura é um direito do homem, à escola cabe tornar o homem um cidadão capaz de exercer esse direito (Candido, 1995, p. 235-63). (ANTUNES, 2008, pp.149-150).

Essa discussão, pois, norteou nossa segunda oficina, sobre a obra *Emília no País da Gramática*. Conforme pressupúnhamos, a escolha da obra por parte da professora ocorreu em virtude de ser um mote para o trabalho com a gramática. Nossas sugestões, portanto, caminharam em sentido oposto, sempre na perspectiva de se explorar o texto literário. Sugerimos possibilidades de o professor montar um projeto de leitura com obra a fim de levar os alunos a conhecerem o texto e o contexto em que a obra foi escrita. Levantamos possibilidades de que o professor, dependendo da turma, também apresentasse o conto “O colocador de pronomes”, que trata de tema semelhante e pudesse, assim, explorar a temática que muito incomodou Lobato, conforme percebemos em várias cartas enviadas ao amigo Godofredo Rangel em que ele discute os seus “ranços” com a gramática. Também sugerimos um olhar mais pontual para as críticas de Lobato em *Emília no País da Gramática* em relação ao uso que, na década de 30 do século XX, se fazia das regras gramaticais na escola. Dessa forma, o professor poderia explorar as falas de Quindim, que vai apresentando o País da Gramática aos picapauzinhos (e aos leitores) e de Emília, sempre incomodada com tudo que lhe parece excesso na língua. As críticas da boneca permitiriam ao professor levar o aluno a se autoquestionar quanto ao ensino que se fazia (e ainda se faz?) das normas gramaticais na escola. Também sugerimos que o professor levasse o aluno a buscar as inúmeras partes hilárias presentes no texto, muitas coincidindo com as críticas tecidas por Emília. Ainda levantamos a possibilidade de se explorar, dependendo da faixa etária dos alunos, um breve estudo das gramáticas da língua: Normativa, Descritiva (ou Funcional), Internalizada e Histórica, a fim de que eles compreendam que estudos gramaticais vão muito além daquilo que o livro didático apresenta.

Enfim, todas essas sugestões, além de outras apresentadas a partir de comentários dos ouvintes das oficinas, devem se alinhar à leitura, na íntegra, da obra infantil de Lobato. É depois da leitura e das impressões primeiras dos alunos que o professor deve partir para esses estudos. A partir do momento em que o aluno passa a conhecer a trajetória das personagens, as características primordiais de cada uma, o espaço e sua relação com o enredo e com as personagens, a saída do espaço real para o imaginário, sempre presente nos textos lobatianos, que ele, aluno, está preparado para discussões mais maduras e críticas sobre o texto. Assim, lembramos as palavras ainda de Antunes:

[...] o professor, como mediador de leitura, deveria destacar os elementos compositivos e temáticos capazes de despertar a atenção dos alunos e de mobilizá-los para a proposta de trabalho. Os aspectos analisados na leitura precária dos alunos podem servir como ponto de partida para isso. A proposta deveria constituir-se de forma que atraísse os alunos para a leitura, fazendo com que todos ou a maioria deles pudessem ler o livro antes de iniciar as atividades de análise. Como etapa preparatória, seria recomendável explorar oralmente aspectos semelhantes àqueles mencionados pelos alunos. A sua recepção demonstra que os recursos que funcionam são os mesmos normalmente utilizados pela indústria cultural. Assim como se fazem chamadas para novelas, filmes e seriados, pode-se adotar como método antecipar aos alunos, além das sinopses, um aperitivo do livro,

uma espécie de trailer, propondo a leitura expressiva e até comentada de passagens atraentes que sirvam para se analisarem, posteriormente, tanto os aspectos superficiais da narrativa quanto as implicações mais profundas de seu significado. (ANTUNES, pp. 169-170).

Acreditamos, portanto, que as obras de Lobato podem e devem estar presentes nas salas de aula, mas, para uma salutar e saborosa leitura, é necessário termos um profissional da educação leitor-mediador da leitura dessas obras junto aos alunos da educação básica, um professor-leitor-mediador-apaixonado pelo texto literário que vai apresentar a seu aluno a fim de ser, de fato, modelo para a formação de jovens leitores em potencial.

### **Considerações finais**

Nosso projeto ainda se prorroga por mais um semestre e, por isso, nosso texto apresenta como finalização nossas expectativas quanto ao que virá. A professora que faz parceria conosco montará um breve projeto sobre *Fábulas*, de Lobato, agora com a obra na íntegra e a bolsista acompanhará a aplicação desse projeto. Também teremos a realização de mais uma oficina que terá como base o texto de Rildo Cosson, *Letramento Literário*. Queremos oferecer à professora propostas de explorar o texto literário de forma mais consistente e, para isso, discutiremos, depois da leitura feita pela professora da obra de Cosson, como explorar o texto *O Picapau Amarelo*, de Lobato, usando como suporte a sequência expandida que, para o professor Cosson, une uma compreensão global do texto literário, incluindo aspectos formais, à interpretação dele, momento em que ocorre o aprofundamento de algum dos aspectos do texto literário em questão, a partir dos interesses do professor que o explora. Todas essas atividades pretendem romper com a forma convencional de impor ao aluno a leitura e cobrá-la com questionários ou fichas de leituras. Queremos que os jovens tenham experiências leitoras, baseadas “no diálogo com o livro, que contempla[m] tanto os seus aspectos temáticos mais evidentes, quanto os elementos estruturais, e permitir[ão] passar para um plano mais profundo de análise, mais propriamente literária”. (ANTUNES, 2008, p.171). Assim se abrirá o caminho para que o jovem leitor possa apreciar a leitura de textos de literatura.

Acreditamos, com isso, que a professora, à medida que passe a ser leitora dos textos a serem levados para a sala de aula, juntamente com alternativas para discuti-los e analisá-los, se sinta mais segura para motivar discussões acerca da obra infantil lobatiana. Também esperamos que a professora se sinta motivada a participar de evento nacional a ser realizado na universidade ao final do projeto e possa fazer um relato de sua experiência, bem como transformá-la em texto escrito a ser publicado nos anais do evento. Com isso, será possível afirmar que, se não conseguimos um número maior de professores do ensino básico participando ativamente do projeto em questão, ao menos, conseguimos despertar na professora participante a consciência da importância de ser professora-leitora-mediadora para formar alunos-leitores competentes e críticos.

### **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, Benedito. Literatura na escola: disciplina e prazer. In CECCANTINI, João Luís, PEREIRA, Rony Farto (org.). *Narrativas Juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: UNESP; Assis: ANEP, 2008.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí: UNIVALE; Florianópolis: UFSC, 2004.



NUNES, Benedito. Ética e Leitura. In BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). *Estado de Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PRAZER EM LER (3 anos). Instituto C&A. [S.l.], 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. “Formação de leitores literários” in , Fabiano; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tânia. M. K. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

---

í Profª M.Sc. Patrícia Aparecida Beraldo Romano  
Universidade Federal do Pará (UFPA-campus de Marabá)  
e-mail:paromano@ufpa.br